

PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA LITERATURA ESCRIVIVENTE

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

Resumo: O presente artigo propõe uma avaliação crítica das articulações teóricas emergentes na literatura afro-brasileira, com ênfase na perspectiva seminal que caracteriza a originalidade intelectual de Conceição Evaristo. A partir de uma leitura genealógica do conceito de escrita comprometida com a vida, são exploradas as implicações teóricas das produções literárias de mulheres negras. Em seus desdobramentos, como revela a análise da contribuição teórica de Livia Natália (2016-2020) para o entendimento da intelectualidade escrevivente, o conceito de escrevivência institui os fundamentos para se pensar os princípios teóricos de uma literatura marcada pela intersecção entre a arte escrita e as facetas variadas inerentes à experiência de ser negro no Brasil.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Teoria da literatura. Escritoras negras. Escrevivência. Pensamento negro contemporâneo.

Abstract: This article proposes a critical evaluation of the emerging theoretical articulations in Afro-Brazilian literature, with an emphasis on the seminal perspective that characterizes the intellectual originality of Conceição Evaristo. From a genealogical reading of the concept of writing committed to life, the theoretical implications of black women's literary productions are explored. In its developments, as revealed by the analysis of Livia Natália's (2016-2020) theoretical contribution to the understanding of *escrevivente* intellectuality, the concept of escrevivência establishes the foundations for thinking about the theoretical principles of a type of literature marked by the intersection between written art and the varied facets inherent to the experience of being black in Brazil.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Theory of literature. Black women writers. Escrevivência. Contemporary black thought.

Apropriar-se de sua história e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. Ele escreve, se comunica através

de um sistema linguístico que veio aprisioná-lo também enquanto código representativo de uma realização da cultura hegemônica. (EVARISTO, 2010, p. 136-137)

Muniz Sodré, ao propor o “pensamento nagô” como “uma provocação à reversibilidade dos tempos e à transmutação dos modos de existência, sustentada pela equivalência filosófica das enunciações” (SODRÉ, 2017, p. 23), teoriza o pensar afro como um modo diferente de teoria, em diálogo com o pensamento helênico, cujo significado de teoria equipara-se a ver, contemplar, ter a visão de alguma coisa. Ao urgente reconhecimento da legitimidade das teorias de cariz preto corresponde “uma *declaração de identidade*”, como enfatiza Achille Mbembe ao lançar holofotes para a razão negra, através da qual “o Negro diz de si mesmo que é aquilo que não foi apreendido; aquele que não está onde se diz estar, e muito menos onde o procuramos, mas antes no lugar onde não é pensado” (MBEMBE, 2017, p. 59, grifo do autor). Negligenciadas em muitos círculos de reflexão acadêmica, as teorias negras permanecem ainda no status não epistêmico para muitos, ou são interpretadas e lidas de forma inadequada, como é o caso da visão de mundo iorubá, por exemplo (SOYINKA, 2002). Apesar disso, o potencial de reflexão teórica negra se torna ainda mais complexo em sua

manifestação diaspórica, especialmente porque “as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, intersecções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações” (MARTINS, 1997, p. 25).

Se, no âmbito da pesquisa literária, a teoria pode ser compreendida como “a capacidade de generalizar sobre fenômenos e desenvolver conceitos que sirvam de base para interpretação e análise” (CASTLE, 2008, p. 3), então as reflexões conceituais de escritoras negras acerca das implicações da sua produção merecem um olhar atento. Da visão espiritual de Rosa Egipcíaca (1719-1778) — autora de um dos mais antigos livros de uma pessoa negra nas Américas — como “abelha-mestra”, fabricando “o doce favo de mel” (MOTT, 2005, p. 17) ao poema que Phillis Wheatley (1753-1784) — a primeira pessoa negra reconhecida internacionalmente como escritora — compôs em 1773, direcionado à Universidade de Cambridge na Nova Inglaterra (i.e. Harvard), no qual a voz poética alude a “um ardor intrínseco que leva a escrever”¹ (WHEATLEY, 1995, p. 12), as primeiras escritoras de ascendência africana não apenas forjaram uma tradição literária na Diáspora,

1 As traduções são de autoria do autor deste artigo, exceto quando houver indicação contrária.

um feito notável diante da condição de escravizadas, como também inauguraram a necessidade de um discurso interpretativo dessa tradição centralizada na escritora que reconhece o seu lugar de fala. Tão criativa quanto reflexiva, essa metalinguagem das letras afro-diaspóricas, em seus desdobramentos históricos, dá à luz conceitos inovadores para discorrer sobre a produção artística de pessoas negras, revelando os princípios teóricos e as estratégias analíticas que impactam a crítica literária especializada nos estudos dessas textualidades.

Entre os conceitos contemporâneos mais relevantes que são herdeiros dessa tradição teórica afro-diaspórica, encontra-se a formulação conceitual *the black interior* (“o interior negro”), pensada pela escritora estadunidense Elizabeth Alexander (2004) na sua obra ensaística seminal de título homônimo, destinada a inquirir “a vida e a criatividade negras por trás da face pública do estereótipo e da imaginação limitada” (ALEXANDER, 2004, p. x). Derivado da ideia de originalidade de uma vida interior de pessoas afrodescendentes que desafia essencialismos e expectativas, o conceito abrange as potencialidades do que significa ser negro, cujas mais diversas ressonâncias são aprofundadas por artistas que se identificam com a herança

africana em suas experiências individuais. A contrapelo dos lastros de racismo, a arte das pessoas negras possibilita uma reescritura criativa da realidade sem se furtar de retraduzir as vicissitudes da verossimilhança. Reconhecendo que “os negros sempre fizeram arte e sempre imaginaram e entenderam que nós somos mais do que um estereótipo monstruoso”, Alexander conclui que “a figura negra ‘real’ é uma coisa muito diferente da imaginada, e as versões do significado dessa ‘realidade’ [*realness*] se contradizem com frequência” (ALEXANDER, 2004, p. 6). Das realidades dos corpos negros que desafiam as ameaças de destruição e aniquilação, eclode uma forma de repensar a vida para além das narrativas que estereotipam subjetividades.

Localizando as continuidades dessa tradição teórica afro-diaspórica em solo brasileiro, este artigo propõe uma avaliação crítica das articulações teóricas emergentes na literatura afro-brasileira, com ênfase na perspectiva seminal de algumas de suas protagonistas contemporâneas mais expressivas, tal como a originalidade intelectual de Conceição Evaristo, cujo talento foi duas vezes honrado pelo Prêmio Jabuti². Da fortuna crítica suscitada pela

2 Organizado pela Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Jabuti é a principal honraria do mercado editorial brasileiro. Em 2015, Evaristo foi premiada na categoria Contos e Crônicas com sua obra de contos *Olhos d'água*. Em 2019, a autora recebeu o título de Personalidade Literária do Ano.

obra de Evaristo, pode-se destacar a identificação de seus textos como uma busca por um “discurso literário negro” (SALGUEIRO, 2004, p. 134), a detecção de uma “escrita com a busca da ancestralidade” bantu (DIONÍSIO, 2013, p. 81) e o reconhecimento da sua prosa como “espaço de luta por participação e transformação político-social” (SANTOS, 2018, p. 103), entre tantas outras dimensões. Ao explorar as implicações teóricas das produções literárias negras com foco no potencial de desdobramentos do conceito de escrevivência — aclamado como “contribuição da Literatura Afro-brasileira à Teoria da Literatura” (SALGUEIRO, 2020, p. 97) —, busca-se mapear a eclosão de um arcabouço analítico e conceitual para estudos que intersectam a arte escrita e as facetas variadas inerentes à experiência de ser negro no Brasil.

Para o exame investigativo dessas perspectivas teóricas, é vital considerar a percepção pessoal dos traumas coletivos e da regeneração associada aos legados da escravidão e ao racismo predominante. Essa crítica antiessencialista aparece no trabalho de críticos e escritores afro-brasileiros como Cuti (2010), Miriam Alves (2010), Leda Maria Martins (2010a, 2010b), Edimilson de Almeida Pereira (2010, 2022) e Conceição Evaristo (2010, 2020),

que deram uma contribuição significativa para a expansão da definição teórica da literatura afro-brasileira. Suas críticas seminais vão além do trabalho de estudiosos do século XX interessados na tradição literária afro-brasileira marginalizada³, que atualmente é avaliada por um número crescente de pesquisas.

A publicação em quatro volumes da antologia crítica e inovadora *Literatura e afrodescendência no Brasil*, organizada por Eduardo Duarte (2011), por exemplo, catalisou e consolidou interesses de pesquisa motivados por avanços legislativos no sistema educacional, como a lei 10.639 de 2003 e a implementação das políticas de ações afirmativas nos anos subsequentes. Esse esforço sem precedentes para criar um compêndio abrangente de literatura e crítica afro-brasileira foi o primeiro impulso na academia para antologizar a imaginação e a interpretação literárias negras. Em consequência dessa visão paradigmática, o foco acadêmico nas letras afro-brasileiras deve incluir os discursos sobre a vida negra e, por conseguinte, a crítica e a teoria literárias produzidas por escritores e críticos de ascendência africana, considerando que a literatura é uma forma de refletir sobre a existência. Como aferido por

3 A exemplo de *A poesia afro-brasileira* de Roger Bastide (1943) e *Raça & cor na literatura brasileira* de David Brookshaw (1983).

Ottmar Ette, “a literatura pode ser entendida, nas suas mais diversas formas de escrita, como mídia de armazenamento de saberes sobre a vida, uma mídia interativa, e que ao mesmo tempo se transforma” (ETTE, 2015, p. 15). Portanto, a pergunta crucial é: como a literatura negra, enquanto modo de saber sobre a vida, se transforma nas mãos de quem teoriza a própria composição?

Genealogia de um conceito

O conceito de *escrevivência*, engendrado por Conceição Evaristo, constitui uma das principais contribuições teóricas para os estudos das literaturas negras contemporâneas. Surgido como poética das experiências de vida interseccionadas por questões de gênero, raça e classe, o tropo proveniente da combinação das palavras “escrever” e “vivências” se fundamenta, como revela Evaristo (2020), na figura histórica da Mãe Preta. Além de ser forçada por meio de violência física e psicológica a realizar os trabalhos domésticos da casa-grande, essa mulher negra escravizada era obrigada a contar histórias com o objetivo de colocar as crianças das famílias escravocratas para dormir. Ao efetuar uma afrografia da memória, *à la* Leda Maria Martins (1997), Evaristo rehistoriciza a imagem da Mãe Preta como potência epistêmica: “encontrei a força motriz para conceber, pensar,

falar e desejar e ampliar a semântica do termo” (Evaristo, 2020, p. 30). Essa reflexão manifesta o processo de maturação do conceito de escrevivência, cujos prolegômenos aparecem no início de sua carreira como escritora.

No ensaio seminal intitulado “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, apresentado pela primeira vez em 1995⁴, Evaristo redescobre o nascedouro de sua escrita na imagem da sua mãe, Joana Josefina Evaristo, que, agachada e com um graveto na mão, desenhava na terra lamacenta um sol, enquanto era observada por suas filhas. Para Conceição Evaristo, naquele gesto performático e ritualístico, é possível detectar um ato de escrita ancestral capaz de ressignificar as intempéries contextuais:

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não *representam* uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos

4 Tratou-se de uma apresentação no VI Seminário Mulher e Literatura daquele ano, cuja organização esteve a cargo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. (EVARISTO, 2020, p. 49, grifo da autora)

Nas mãos da matriarca, a escrita se encena como urgência concreta de corpos que sentiam fome. Como uma mulher negra que obtinha o seu sustento do humil serviço de lavagem artesanal de roupas para senhoras brancas, a mãe de Evaristo dependia do sol para que as peças de vestuário secassem e, assim, houvesse recurso para comprar comida. O serviço incluía a lavagem do sangue menstrual das mulheres brancas impresso nas toalhinhas ensanguentadas, que, após um pesado trabalho manual de esfregar, torcer, passar e dobrar, eram entregues limpas. A partir dessa narrativa de sobrevivência marcada pela posição subalterna, visualiza-se a escrita sendo parida por mãos lavadeiras, uma alegoria da condição de ser mulher negra no Brasil.

Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que, folheando comigo revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que,

pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina. (EVARISTO, 2020, p. 51)

As mesmas mãos lavadeiras maternas conduziram Evaristo nos primeiros passos do seu processo de aprender a ler e escrever, apesar de todas as adversidades decorrentes de sua condição social. Essas mesmas mãos escreviam a lista de compras com palavras que a jovem Evaristo precisava decifrar, o que segundo ela, pode ter contribuído para o seu futuro interesse em ficção. Também foram importantes as anotações da tia responsável por sua criação acerca dos fatos corriqueiros de sua família. Essa incumbência foi passada à própria jovem Evaristo, que também se tornou a responsável por acompanhar o desenvolvimento escolar dos irmãos mais novos e das crianças vizinhas cujas mães lhe davam uns trocados em gratidão pelo desempenho dos filhos na escola. Com essa pequena recompensa, a jovem Evaristo comprava comida, caderno e revistas infantis. Assim, essas experiências de vida em narração — trazidas à baila quando Evaristo afirma a legitimidade da sua (trans)formação de escritora como um *continuum* dos gestos corpóreos da sua mãe que grafaram a existência da matriarca em sua memória — comprometem a escrita criativa com o contexto íntimo da

autora. Tão ritual quanto viver, o ato de escrever conjura a história de ressonância coletiva:

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (EVARISTO, 2020, p. 52)

A escrita evaristiana descende do gesto de auscultar histórias, contadas por outras pessoas, sobretudo mulheres negras. Essas histórias de dor e alegria fazem parte do arsenal estratégico de sobrevivência que essas mulheres criam em contextos discriminatórios, tornando-se cúmplices de outras subjetividades. A presença feminina na literatura de Evaristo atesta o relevo que a materialidade imaginativa das aventuras de sofrimento e cura da mulher negra brasileira possui em seu projeto artístico. Na verdade, a autora parece ter consciência de que herdou da sua genitora e da guilda de contadoras de histórias negras os mais importantes atributos

de uma escritora, a saber, “a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias” (EVARISTO, 2020, p. 53).

O tracejamento das origens da escrita criativa na tradição oral ecoa a crítica do narrador de Walter Benjamin (2011), que capta a crescente ausência da capacidade de trocar experiências pela narração. Dessa falta de intercâmbio de experiências entre as pessoas resulta o empobrecimento da arte de narrar e, por conseguinte, da escrita literária. Benjamin afirma: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 2011, p. 198). Com o reconhecimento da grafia-desenho materna como nascedouro de sua escrita, Evaristo não apenas provoca a constatação de que a ausência do narrador não vigorou em todos os contextos, mas também indica que a escrevivência se fundamenta exatamente nas trajetórias de quem se propõe a narrar a própria história e as experiências recebidas de outros sujeitos que impactaram sua vida.

Para testemunhar a existência de pessoas e instituições afrodescendentes, a literatura negra se transforma como tecnologia imaginativa de sobrevivência. Ao mesmo tempo

que se reconhece como herdeira conceitual da tradição oral, a escrevivência se inscreve em um interstício entre escrita e oralidade que pode ser percebido como diferente da oralitura ou oratura, pois centraliza a escrita de vivências como paradigmática, ao passo que “*Oralitura* ou *oratura* designa a oralidade ou o estilo oral e confere validade a esse tipo de discurso como um veículo de conhecimento e experiência, semelhante à validade da escrita” (PETRILLI; PONZIO, 2005, p. 417, grifos dos autores). A oralitura africana se apresenta como “palavra proferida e cantada, numinosa e aurática”, oferecendo uma fonte performática de sabedoria para a literatura (MARTINS, 2010b, p. 128). Portanto, pode-se apurar que a arte escrita de Evaristo assume uma dívida com a grafia-desenho, ou escrita ritual, ou oralitura/oraturadas mãos lavadeiras e contadoras de histórias da vida negra, pois a partir das experiências compartilhadas por essas mulheres, a autora encontrou sentido no ofício da produção literária, desde que articulada e compreendida como registros legítimos dessas vidas aparentemente esquecidas pela hierarquia racial, mas sempre vivas nas memórias pessoais e coletivas, a exemplo da Mãe Preta, figura precursora da escrevivência.

A relação íntima da escrita com a singularidade de quem escreve é vista como um comprometimento derivado de uma consciência, como assevera a autora: “Consciência

que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2020, p. 53). Em sua autoafirmação, essa subjetividade pode ser lida como potência, como substantivo, isto é, a escreviente, que se reconhece como sujeito, mulher e negra em contraposição à tríplice discriminação de gênero, raça e classe sofrida por corpos negros femininos. Ao reconhecimento desse lugar de fala potente que nomeia uma condição equivale a consciência de que a escrita é uma forma de desafiar os limites sociais e se inscreve em uma realidade estruturalmente racista. Por isso, “escrever adquire um sentido de insubordinação”, especifica Evaristo, acrescentando que essa insubordinação pode ser marcada pela escrita divergente da norma culta e escolha da narrativa (EVARISTO, 2020, p. 54). Como escritora insubordinada, a herdeira da Mãe Preta se recusa a colocar os herdeiros da casa-grande para dormir: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 54). Ao confrontar as injustiças que fazem com que as mulheres negras permaneçam perto de berços como babás das casas-grandes modernas, a escreviente reescreve a história reinscrevendo suas histórias.

A estirpe da escrevivência é avistada na originalidade crítica e teórica da intelectualidade negra e feminista germinada em solo brasileiro. No ensaio “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica” de 1979, Lélia Gonzalez (2020) examina a figura da mucama, mulher negra escravizada que além de ser responsável por todos os serviços domésticos da casa-grande, incluindo a amamentação e o cuidado das crianças brancas, era objeto dos desejos sexuais do senhor escravagista. Violentada física e psicologicamente tanto pelo senhor como pela senhora ciumenta, a mucama desempenhou um papel fundante na formação da sociedade brasileira. Gonzalez particulariza:

Foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura da mãe preta, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias sobre o quibungo, a mula sem cabeça e outras figuras do imaginário popular (Zumbi, por exemplo). (2020, p. 53-54)

A historicização da Mãe Preta como protagonista na formação de valores e crenças implica um relevo das culturas de ascendência africana no Brasil. Se a descolonização pode ser compreendida como um “movimento historicizante”,

que rompe com a lógica colonial e “transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados” (FANON, 2006, p. 52), então a mulher negra efetuou uma descolonização possível de dentro da casa-grande. Na condição de primeiras educadoras da família escravocrata, essas mulheres desenvolveram uma forma de escrita oralizada, progenitora da escrevivência. Através dessa tecnologia de sobrevivência cultural sofisticada, esses sujeitos históricos mantiveram vivas suas tradições enunciativas enquanto descolonizavam a sua posição subalterna com o gesto de (re)escrever suas histórias e narrativas nas mentes do colonizador. “Mais precisamente”, esmiuça Gonzalez, “coube à mãe preta, enquanto sujeito suposto saber, a africanização do português *falado* no Brasil (o ‘pretuguês’, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira” (GONZALEZ, 2020, p. 54, grifo da autora). Assim, a Mãe Preta, ao africanizar os falares brasileiros, levou a cabo uma forma de descolonização da língua, tornando o pretuguês um falar mais íntimo e familiar do que os padrões quase inalcançáveis da norma culta. Com efeito, o enegrecimento da língua tornou-se o mais poderoso e silencioso armamento de luta daquela que era uma das principais vítimas da hediondez da colonização.

A transformação da posição subalterna da mucama na posição descolonizada da Mãe Preta combate uma forma interseccionada de discriminação. Dez anos antes de Kimberlé Crenshaw (1989) cunhar o termo “interseccionalidade” no artigo intitulado “Demarginalizing the intersection of race and sex” para teorizar a interligação entre identidade e opressão, Gonzalez já havia detectado uma realidade discriminatória tríplice no Brasil: “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZALEZ, 2020, p. 56). Dessa forma, Gonzalez pode ser reconhecida como uma das precursoras globais do conceito de interseccionalidade, pois “a articulação entre raça, classe e gênero está no centro do pensamento de Lélia Gonzalez” (RIOS; RATTS, 2016, p. 387).

Essa forma de discriminação interseccionada que atinge a mulher negra está na raiz do conceito de escrevivência, pois a escrita eclode como um ato de desafrontar a opressão sistemática contra corpos femininos e negros. Evaristo pondera: “Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre(vivência)* das mulheres

negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 201, grifos da autora). Em seus fundamentos e desdobramentos, a *escrevivência* aponta os diversos reposicionamentos históricos da mulher negra como potência subjetiva diante das operações de poder. Como se configura uma teoria que abrange as multiplicidades dessa potência *escreviente*?

Perspectiva teórica *escreviente*

Poeta e professora de Teoria Literária da Universidade Federal da Bahia, Lívia Natália desenvolve uma perspectiva teórica *escreviente* ao dialogar com o ensaio seminal de Conceição Evaristo supracitado no capítulo “Intelectuais *escrevientes*: enegrecendo os estudos literários” do livro *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (2020). Para tanto, Natália inicia sua reflexão particularizando o conceito como uma urgência epistêmica, pois a *escrevivência* “tornou-se imprescindível para o pensamento de intelectuais negras nos últimos anos, uma vez que precisávamos dar nome ao gesto de autoinscrição das nossas histórias e demandas subjetivas nos nossos textos” (NATÁLIA, 2020, p. 207). Legitima-

se a escrevivência enquanto rizoma das expressões do pensamento das intelectuais negras, compreendido como não hegemônico e dotado de uma dicção estética própria, o que demanda um olhar atento às suas particularidades. Com isso, a literatura negra se encena como uma teoria de si mesma e o conceito evaristiano de escrevivência manifesta os princípios teóricos que fundamentam os métodos práticos e as estratégias criativas das escritoras afro-brasileiras contemporâneas.

No entendimento de Natália, a grafia-desenho autoral da mãe de Evaristo indica uma noção de expressão, emprestada de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, que se difere da ideia de representação vigente nos estudos literários. Afetada pela necessidade de (i)lustrar a realidade, a escrita representativa seria muito limitada para comportar o comprometimento da escrita com a vida, que “aparece reequalizada, repensada, inclusive, nas suas diferenças, sublinhando como, dentro dos poderes maiores, os menores se inscrevem” (NATÁLIA, 2020, p. 208). Trata-se de uma expressão da vida que articula a linguagem do dia a dia para registrar existências ainda não pensadas. Dessa expressão da vida se depreende um significado inovador da escrita como estética da subjetividade negra:

Escrever é muito mais complexo do que nos ensinou a cultura letrada; escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços da vida, investindo-se, enquanto sujeito, transformando a escrita no gesto que interrompe o livre fluxo da negação ou limitação de existências, tornando possíveis vidas pensadas pela estrutura racialmente construída como inviáveis. (NATÁLIA, 2020, p. 209)

No ensaio “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”, Evaristo reivindica o poder da pena para “inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação” derivadas da fala do corpo feminino negro, que vive submetido a condições de opressão interseccionadas (EVARISTO, 2005, p. 201). A teórica assume uma forma de autorrepresentação que subverte a própria lógica de (i)lustrar a realidade com a ficção. O ato de insubordinação discursivo implícito na autorrepresentação do corpo feminino negro enfatiza a linguagem descentralizada e desnormalizada como ponto de fuga para a produção literária comprometida com a vida. Como operou Carolina Maria de Jesus ao ferir as normas cultas da língua e tematizar a fala marginalizada, a escrita literária modela a linguagem como arma de luta e sobrevivência.

A escrevivência não se limita aos ditames da representação exatamente porque compromete a linguagem. Na escrita, o

compromisso da linguagem é com as potencialidades da vida de quem escreve em consonância com as dinâmicas pessoais e coletivas da existência negra. A negritude, como defende Natália, é uma expressão discursiva “sob a qual se reúnem pensamentos sobre uma identidade positivada, ela é um índice da reunião de forças que compõe uma reavaliação do que é ser negro no Brasil”, tratando-se, pois, de “um discurso dos negros” (NATÁLIA, 2016, p. 114). Se a escrevivência envolve primordialmente um compromisso identitário e discursivo, então “escrever é transbordar o limite da linguagem” (NATÁLIA, 2020, p. 209), ou seja, trata-se de um devir da experiência de corpos negros que ampliam a capacidade de expressão da arte da palavra.

Na práxis da escrevivência, os limites da verossimilhança são rompidos. Escrevvida em prosa e verso, a vida negra renasce imaginada, memorada e vívida. Assim, a escrita transborda os limites da própria linguagem, precisamente ao comprometer as implicações existenciais do discurso literário. Natália (2020) ressalva a inevitável perda entre o gesto de escrever e a subjetividade de quem escreve, como já apontado por vários autores que versaram sobre o limite da escrita. Contudo, ao ampliar a noção de escrita, a escrevivência permite entrecruzamentos coletivos de

vivências encenadas no contínuo drama de traumas dos legados de escravidão e suas jornadas de cura:

Muitos de nossos mais velhos afirmam que suas vidas dariam um livro e há, constantemente, entre pessoas negras, não apenas a sede de registrar as suas travessias, mas uma sistemática de criar espaços onde o eu possa se expressar, em que possamos partilhar a dureza da experiência de sermos negros num país estruturalmente racista. (NATÁLIA, 2020, p. 211)

A vida em um contexto de estrutura racista impõe um afastamento da experiência íntima e coletiva negra que aciona um lugar de fala próprio. Para romper com os impactos desse racismo estrutural, o sujeito negro lança mão da primeira pessoa ao falar de si, afirmando de forma positiva a sua negritude, o que não estava previsto na agenda colonial. “Falar sobre si em primeira pessoa”, sugere Natália, “é um relevante gesto de desalienação e desrecalque de uma voz sistematicamente tornada inaudível” (NATÁLIA, 2020, p. 211-212).

A fala enquanto potência criativa e transformadora contribui para combater, de dentro de si, os efeitos destruidores do racismo, cuja violência atinge os corpos negros. Em uma sociedade estruturalmente racista, o corpo negro escrevente é uma textualidade apriorística, pois

vem antes da fala, antes da linguagem, antes da escrita: “Esse é um corpo que se pronuncia antes que possamos falar e ele carrega, consigo, um texto que nós ouvimos como ecos coloniais extemporâneos, mas que a branquitude vê como, apenas, aquilo mesmo que nós somos” (NATÁLIA, 2020, p. 215). Quando esse corpo não ocupa os lugares estereotipados, como futebol, samba e música, há estranhamentos, porque o imaginário colonial e branco prevalece e interdita a autoleitura da corporeidade negra. Por isso, é tão necessário o ato de assumir a primeira pessoa do discurso para interpretar e narrar a própria história, reconhecer a si mesmo como sujeito e desenvolver uma autonomia de pensamento. Em outras palavras, trata-se de “furar o bloqueio do racismo institucional com o corpo” (NATÁLIA, 2016, p. 119) para viabilizar a humanidade negra com a escrita e a leitura íntimas de um ser em sua interrelação com os dramas coletivos.

Ao aprofundar o conceito de escrevivência e moldá-lo como potência teórica e metodológica, Natália (2020) traça caminhos intelectuais possíveis para a afirmação acadêmica de uma teoria da literatura negra, ou escreviente, que ultrapassam as concepções frágeis e limitadoras de beleza, rigor estético e excepcionalidade da teoria da literatura

tradicional. Primeiramente, propõe-se a revisão das políticas e práticas de citação e da formação de corpora de pesquisa, para que outros textos literários alarguem os limites de leitura e interpretação. Recomenda-se, então, a articulação da literatura com outras áreas de estudo, como o feminismo negro, estatística, pedagogia, sociologia, psicologia, entre outros, para que se possa alcançar uma “mão interpretativa interseccional” na leitura de textos negros (NATÁLIA, 2020, p. 222). O terceiro movimento que a teórica advoga é por uma “dicção dissidente e minoritária”, que implica “enegrecer as coisas no texto, a partir da linguagem, desrecalcar a primeira pessoa do negro no texto” (NATÁLIA, 2020, p. 222). Para percorrer esses caminhos de uma teoria da literatura escreviente, Natália opta por uma bibliografia majoritariamente negra ou dissidente em suas práticas teóricas, literárias e docentes:

Isto porque me interessam metodologias enegrecidas de prática intelectual, articular interseccionalmente as escolhas narrativas, os destinos das personagens, o enredo; no poema, o universo representacional, o eu lírico que se coloca ali [...] O que está posto pela teoria da literatura nos serve até certo ponto, mas o que nos interessa, como nos ensina Derrida, o argelino, é abalar, deslocar saberes e práticas instituídas, inventar soluções fora das normas, pinçar operadores teóricos e críticos dos próprios

textos literários e de textos de outros campos de saber. Isso, na minha visão, é ser uma intelectual escreviente. Todo o meu pensamento é feito assumindo o compromisso de falar em primeira pessoa com a pessoa do texto literário e com aqueles que têm acesso à minha fala. (NATÁLIA, 2020, p. 223)

Por essa perspectiva crítica, a teoria da literatura escreviente convoca a presença da pessoa negra como potência enunciativa e intelectual, seja como escritora que compõe uma literatura grávida de novos conceitos, seja como teórica que identifica esses conceitos nos textos literários para manifestar a complexidade dessa arte da expressão. Tanto Evaristo como Natália ocupam esses dois lugares de criação e reflexão, reforçando a convergência intelectual de uma tradição literária para o conceito de escrevivência.

Considerações finais

Os princípios teóricos da literatura escreviente estão grafados na imagem da Mãe Preta, cujo talento narrativo historicizado é visto como um ato fundante da escrita comprometida com a vida de ascendência africana. Ao reconhecer essa ancestralidade, a teoria escreviente desmantela a vigência dos legados do sistema colonial que controlava a potência enunciativa das mulheres negras

escravizadas. A façanha de contar histórias negras e descolonizar a língua opressora em meio aos horrores da escravidão instaura as bases da escrevivência enquanto práxis a ser (re)pensada. Assim, as escrevientes fundadoras legaram recursos de sobrevivência que potencializam as agências criativas e intelectuais das escritoras afro-brasileiras contemporâneas, cujo olhar arejado para a vida em sua relação com a coletividade lhes faculta um percurso inovador na arte de expressão da humanidade negra.

Nas reflexões intelectuais de Conceição Evaristo e outras escrevientes como Livia Natália, a escrevivência irrompe como forma de poder, porque institui um ato de insubordinação negro-feminina aos parâmetros ditados por uma sociedade racista e patriarcal. Nesse sentido, a arte literária torna-se uma espécie de palimpsesto de vivências de um corpo que revê e revisa a própria história, centralizando a narrativa em sua experiência de leitura e escrita. Em seu cerne, portanto, a escrevivência teoriza a política e a poética da literatura, assumindo a condição de sujeito não hegemônico como potência que engendra uma estética complexa, com demandas teóricas que não são supridas por paradigmas epistemológicos que universalizam e totalizam os registros culturais e intelectuais eurocêntricos. Confirma-

se que “os herdeiros das matrizes culturais afrodiaspóricas são impelidos a dialogar com uma epistemologia ocidental, de base europeia, ao mesmo tempo que diferem dela por razões que vão desde as diferenças na visão de mundo até as práticas sociais cotidianas” (PEREIRA, 2022, p. 85).

Às margens das teorias canônicas universais e clássicas, as agências discursivas de sujeitos marcados pela interseccionalidade de gênero, raça e classe autoinscrevem a legitimidade intelectual das existências negras em sua plenitude. Como aponta Carole Boyce Davies, “a experiência das mulheres negras presta-se à noção de fluidez, identidades múltiplas, repetições que devem ser articuladas multiplamente” (DAVIES, 2005, p. 48). Na escrita comprometida, a fluidez de vivências e a consequente multiplicidade de identidades, articulada a novos significados, impulsiona modos de ser e conhecer que não apenas divergem dos centros de poder, mas também reconfiguram a dinâmica desse poder pelas margens. Destarte, a escritora negra contemporânea encontra um terreno fértil no qual uma teoria da literatura de raízes ancestrais floresce e, com a riqueza da sua produção, haverá de colaborar arando esse terreno e semeando outros frutos rumo à expansão do escopo reflexivo do conjunto de potências vividas, que indicam direções inovadoras no pensamento literário.

Referências

- ALEXANDER, Elizabeth. *The black interior*. Saint Paul: Graywolf Press, 2004.
- ALVES, Miriam. *Brasil Afroautorrevelado: literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- CASTLE, Gregory. *Literary theory*. Malden: Blackwell Publishing, 2008.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. London and New York: Routledge, 2005.
- DIONÍSIO, Dejour. *Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance "Ponciá Vicêncio", de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ETTE, Ottmar. *Saber sobreviver: a (o)missão da filologia*. Tradução de Rosani Umbach e Paulo Astor Soethe. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, p. 201-212, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 132-142, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 48-54, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum*, article 8, p. 139-167, 1989.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 61-86, 2010a.

MARTINS, Leda Maria. Lavrar a palavra: uma breve reflexão sobre a literatura afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 107-131, 2010b.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. 2.ed. Lisboa: Antígona, 2017.

MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil colonial. *Cadernos IHU idéias*, v. 3, n. 38, p. 1-20, 2005.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais negras e racismo institucional: um corpo fora de lugar. In: LIMA, Elizabeth Gonzaga de; GONÇALVES, Lucana Sacramento Moreno; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Orgs.). *Leitura e literatura do centro às margens: entre vozes, livros e redes*. Campinas: Pontes, p. 111-121, 2016.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 206-224, 2020.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 15-40, 2010.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. São Paulo: Fósfora, 2022.

PETRILLI, Susan; PONZIO, Augusto. *Semiotics unbounded: interpretive routes through the open network of signs*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

RIOS, Flavia; RATTS, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães (Orgs.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: Editora UFRB, p. 387-403, 2016.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas – Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 96-113, 2020.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOYINKA, Wole. The fourth stage: through the mysteries of Ogun to the origin of Yoruba tragedy. In: HARRISON, Paul Carter; WALKER II, Victor Leo; EDWARDS, Gus (Eds.). *Black theatre: ritual performance in the African Diaspora*. Philadelphia: Temple University Press, p. 140-152, 2002.

WHEATLEY, Phillis. *Poems of Phillis Wheatley: a native African and a slave*. Bedford: Applewood, 1995.

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

Doutor em Letras, em Literatura Comparada, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – *campus* Maracanã.

Pesquisador dos grupos de pesquisa Discurso e Estudos de Tradução (UERJ), A voz e o olhar do Outro: questões de gênero e etnia nas literaturas de língua inglesa (UERJ) e Grupo de Estudos de Gênero – GREG (UFRR).

Membro eleito do Comitê Executivo do Luso-Brazilian Forum da Modern Language Association (MLA) para o período 2023-2027.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7240690456759444>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5653-6846>.

E-mail: ffanuel@gmail.com.